

Desenrola 2.0 ataca o calo de Lula: o endividamento

Programa mira dívidas mais caras e prevê descontos amplos

Por Beatriz Matos

De olho no alto nível de endividamento das famílias brasileiras, o governo federal concluiu a modelagem do Desenrola 2.0 e deve apresentar, nesta terça-feira (28), o plano ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A proposta foi fechada após uma rodada de negociações com representantes dos principais bancos do país, em São Paulo, e tem como objetivo atacar diretamente as dívidas consideradas mais pesadas no orçamento doméstico, como cartão de crédito, cheque especial e crédito pessoal.

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, afirmou que houve consenso entre governo e instituições financeiras sobre os principais pontos do programa.

“Estamos hoje concluindo as conversas com as instituições financeiras para entregar ao presidente essa semana o programa de renegociação das dívidas das famílias brasileiras”, disse. Segundo ele, os ajustes finais foram definidos após análise técnica e diálogo com o setor bancário, e agora dependem do aval do presidente para o anúncio oficial.

Negociação

A proposta prevê descontos amplos nas dívidas e a oferta de



Paulo Pinto/Agência Brasil

Durigan tenta resolver principal problema político de Lula

novas condições de pagamento, com juros mais baixos. De acordo com o ministro, a ideia é romper o ciclo de crescimento acelerado das dívidas, especialmente em linhas de crédito com taxas que chegam a variar entre 6% e 10% ao mês. “Com um desconto amplo, a gente vai chegar a descontos de até 90% nesse programa”, afirmou.

Além da redução do valor devido, o Desenrola 2.0 também deve permitir a renegociação com prazos e taxas mais adequa-

das à realidade das famílias. A lógica é simples: reduzir o estoque da dívida e, a partir disso, oferecer um novo financiamento mais acessível, criando condições reais de quitação.

Durigan destacou ainda que o programa terá caráter excepcional. “Não se trata de um Refis recorrente. As pessoas não devem contar com esse tipo de medida de forma permanente”, disse, ao reforçar que o objetivo é enfrentar um problema específico do momento econômico.

FGTS e alcance

Um dos pontos confirmados é a possibilidade de uso do FGTS para abater dívidas, com limitações. O saque será restrito a um percentual e vinculado diretamente à quitação dos débitos dentro do programa. “A limitação que vai ter para garantia do próprio fundo é um percentual do saque”, explicou o ministro, afastando a ideia de uso irrestrito dos recursos.

O programa também contará com aporte do Fundo Garanti-

dor de Operações (FGO), o que deve ampliar a capacidade de renegociação e dar segurança às instituições financeiras. A expectativa do governo é alcançar dezenas de milhões de brasileiros, repetindo e ampliando o alcance da primeira versão do Desenrola, a versão 1.0.

A intenção é que o anúncio oficial ocorra ainda nesta semana, antes do feriado de 1º de Maio, do Dia do Trabalhador, e que o programa entre em operação logo em seguida.

Endividamento

De acordo com dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, da Confederação Nacional do Comércio (CNC), o endividamento das famílias brasileiras atingiu níveis recordes em março, com 80,4% das famílias relatando algum tipo de dívida.

O cenário é crítico, com 29,6% das famílias com dívidas em atraso e 12,3% sem condições de pagá-las, comprometendo quase um terço da renda, impulsionado principalmente pelo cartão de crédito, que lidera com 84,9% dos casos.

Essa situação é que vem impactando negativamente a popularidade do governo, de acordo com as pesquisas.

Flávio ataca Lula e mira eleitorado do agro

Por Beatriz Matos

A participação do senador Flávio Bolsonaro (PL) na Agrishow, em Ribeirão Preto (SP), nesta segunda-feira (27), foi mais do que uma agenda política. Em seu primeiro grande ato público após se colocar como pré-candidato à Presidência, ele escolheu um dos principais palcos do agronegócio para direcionar críticas duras ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e reforçar vínculos com um eleitorado historicamente alinhado ao bolsonarismo.

No discurso, Flávio elevou o tom ao afirmar que o setor é “tratado como lixo” pelo governo federal e que “o agro não é vilão, o agro é solução pro nosso Brasil”. Ao longo da fala, também criticou medidas recentes voltadas ao campo, especialmente políticas de crédito, e defendeu a ampliação de apoio financeiro com menos burocracia. “Produtores rurais que sofreram com seca,

que sofreram com enchentes não têm capacidade de se endividar mais”, disse.

A escolha do evento não foi casual. A Agrishow se consolidou, nos últimos anos, como espaço estratégico de articulação política, com forte presença de lideranças do setor e de nomes ligados à direita. Neste ano, o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) esteve presente no domingo (26), enquanto o presidente Lula não compareceu.

Para o cientista político Rodrigo Prando, a fala de Flávio segue uma lógica clara de posicionamento. “Essa forma mais dura como ele coloca de dizer que Lula trata o agro como lixo é uma estratégia”, avalia. Segundo ele, o senador tenta se fortalecer em um setor já alinhado ao bolsonarismo e consolidar essa base. “Quando o voto está ideologicamente consolidado, ele fica tão cristalizado que, por mais que o setor receba por exemplo, R\$ 10 bilhões, ainda assim isso é in-

capaz de mexer na mentalidade desse eleitor do agro.”

O discurso também escancara o tom da pré-campanha. Ao afirmar que o governo “não resolve o problema real das pessoas” e que há perseguição a quem produz, Flávio constrói uma narrativa de oposição direta, mirando um eleitorado estratégico para 2026. “Vocês não vão mais ouvir falar de Lula a partir de 2027 porque ele vai ficar irrelevante”, disse.

Na avaliação da advogada Daniela Poli Vlavianos, a movimentação revela um cálculo político preciso. “A escolha de um evento como a Agrishow não é casual. Trata-se de um dos principais encontros do agronegócio no país, com forte presença de produtores, empresários e lideranças políticas do setor”, afirma. Para ela, o tom adotado não é pontual. “O tom mais incisivo não se limita a uma fala pontual. Ele se insere em uma lógica de comunicação política que busca reforçar contraste e polarização.”



Divulgação/Flávio Bolsonaro

Flávio Bolsonaro: “Lula trata agro como lixo”